

A “ligação à terra”

Identidade dos idosos rurais da raia Portuguesa

António M. Fonseca
Daniela Gonçalves
Maria João Azevedo

Universidade Católica Portuguesa
afonseca@porto.ucp.pt



Colóquio Ibérico de Estudos Rurais
Cultura, Inovação e Território

Coloquio Ibérico de Estudios Rurales
Cultura, Innovación y Territorio

Coimbra, Portugal

Outubro / Octubre 23-25, 2008

Comunicação apresentada no VII CIER – Cultura, Inovação e Território

A “ligação à terra”

Identidade dos idosos rurais da raia Portuguesa¹

António M. Fonseca²
Daniela Gonçalves
Maria João Azevedo

Introdução

Integrada na temática mais vasta *Sociedades de fronteira, fronteiras da sociedade: tradição, modernidade, identidades*, a investigação que aqui iremos descrever e que intitulámos A “ligação à terra” – *Identidade dos idosos rurais da raia Portuguesa*, surge no seguimento de uma investigação anterior³ que incidiu justamente no estudo da condição de vida psicológica dos idosos residentes numa aldeia da raia do concelho do Sabugal (Aldeia do Bispo).

Pretende-se, agora, continuar e aprofundar o estudo então realizado, com o seguinte objectivo: investigar os principais traços que marcam a identidade dos indivíduos idosos que vivem actualmente em povoações situadas no limite da zona centro de Portugal (“aldeias da raia”), procurando compreender quais os principais aspectos que marcam a sua “ligação à terra” e que terão sido determinantes na tomada de decisões ao longo das suas vidas, fosse no sentido de não partir através dos caminhos da migração, fosse no sentido do regresso após experimentarem esse caminho.

O sentimento de “ligação” ou de “pertença” a um determinado contexto social é um dos traços mais distintivos da identidade dos indivíduos à medida que envelhecem; estudos realizados quer em Portugal, quer noutros países, demonstraram que “envelhecer em casa” é o principal desejo da generalidade das pessoas.

¹ A realização deste estudo foi subsidiada pelo **Centro de Estudos Ibéricos** – Guarda.

² Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia; R. Diogo Botelho, 1327; 4169-005 Porto.
E-mail: afonseca@porto.ucp.pt

³ Projecto *Recursos comunitários para idosos: Avaliação do cuidado formal e informal* (POCTI/33341/PSI/2000, Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

A “ligação à terra” surge assim como uma dimensão que poderemos explorar se quisermos conhecer melhor a identidade daqueles que teimam em envelhecer nos locais onde sempre viveram, podendo tal dimensão ser abordada mediante três índices de análise:

- *ligação física* (familiaridade com o ambiente físico onde se vive, controlo do espaço envolvente),
- *ligação social* (integração no ambiente social, relações com os outros e sentido de comunidade),
- *ligação psicológica* (sentido conferido ao facto de se viver num determinado espaço físico e social).

A combinação destes elementos de análise permite-nos chegar à identidade dos idosos rurais “da raia” através da maior ou menos valorização dos índices que marcam a sua “ligação à terra” e dos discursos que produzem sobre esses índices. O uso da entrevista presencial, aberta e em meio natural, como meio de investigação, foi naturalmente a estratégia utilizada para levar os indivíduos idosos a falarem das memórias, das vivências actuais e das representações que “as suas terras” evocam. De facto, apesar da inevitável interferência que os mecanismos de defesa (inibição, dificuldade de expressão de sentimentos, etc.) representam sempre numa investigação de cariz autobiográfico, o sentido único que as pessoas atribuem aos locais a que sentem pertencer só pôde ser apreendido na sua totalidade levando as pessoas a falar desses locais, numa mistura de razões e de emoções que as cerca de 50 horas de trabalho de campo realizado testemunham e que aqui iremos procurar traduzir.

Apesar deste ser um trabalho de investigação centrado em aspectos de natureza essencialmente individual e psicológica, não ignoramos que se está perante uma zona do País que enfrenta fortes desvantagens, sobretudo nas áreas da saúde, habitação, rendimento e acesso aos serviços. O interior rural de Portugal é, na sua generalidade, uma zona envelhecida e fracamente povoada, de onde os mais novos saíram para as cidades e para o estrangeiro à procura de uma vida melhor. Muitas das nossas aldeias são “terras de velhos”, onde se fecham as escolas primárias e se abrem lares de idosos. Todavia, a maioria não se sente em casa senão ali, onde os lugares e as pessoas são familiares e conhecidos, onde as emoções explicam os motivos de escolhas aparentemente incompreensíveis (ficar em vez de partir, voltar em vez de ficar...).

Gostaríamos de agradecer às pessoas de Aldeia Velha, Aldeia da Ponte e Aldeia do Bispo, que participaram voluntariamente nesta investigação, toda a colaboração prestada durante a semana que durou o trabalho de campo e o acolhimento que então nos dedicaram⁴. Dar a conhecer as razões e as emoções da vossa “ligação à terra” é a nossa forma de corresponder a tão agradável contacto.

Contextualização do estudo

Os contextos de vida

O estudo agora apresentado, *A “ligação à terra” – Identidade dos idosos rurais da raia Portuguesa*, decorreu, como acabámos de referir, em três localidades do concelho do Sabugal – Aldeia Velha, Aldeia da Ponte e Aldeia do Bispo – que apresentam entre si características bastante semelhantes. Localizadas na raia portuguesa, encostadas a Espanha, situam-se num território de ligação entre o “lado de lá” e o “lado de cá”, uma espécie de “dobradiça” (Reis, 2006) em relação às metrópoles ibéricas de Lisboa e Madrid. Apesar desta situação articuladora e por isso mesmo “central” face às capitais dos dois países, desde os anos 60 do século passado que o interior raiano sofre de um processo de forte regressão demográfica, o qual se mantém até à actualidade, em particular no concelho do Sabugal. “Em termos absolutos, o município do Sabugal, o segundo mais populoso da Beira Interior Norte, foi o que mais população perdeu nas últimas cinco décadas, cerca de 30.000 habitantes, o que representa 65% dos seus habitantes” (Nunes, 2006, p.124).

Para onde foram todas estas pessoas? Os percursos demográficos do concelho do Sabugal, à semelhança de tantos outros do interior do País, fizeram-se pelas migrações inter-regionais dentro de Portugal e, sobretudo, internacionais (com a França à cabeça). A saída selectiva em termos etários (atingindo sobretudo os mais jovens e os adultos) acarretou inevitavelmente, como salienta Nunes (2006), quebras acentuadas nas taxas de

⁴ A equipa de investigação responsável pela recolha dos dados foi constituída por Daniela Gonçalves, Maria João Azevedo, Mariana Bernardo e Marina Abreu, licenciadas em Psicologia e com experiência em tarefas de investigação.

fecundidade e natalidade, assistindo a uma progressiva e inexorável consolidação de uma população envelhecida.

No município do Sabugal, de que Aldeia Velha, Aldeia da Ponte e Aldeia do Bispo são exemplos representativos, se até 1970 o número de jovens ainda superava o de idosos, já no recenseamento de 1981 o índice de envelhecimento tinha ultrapassado a barreira dos 100 (ou seja, em termos quantitativos, o grupo dos idosos era já superior ao dos jovens) e, no recenseamento de 2001, este índice subia acima dos 350 (isto é, o número de idosos era já três vezes mais elevado que o dos jovens), transportando o município do Sabugal “para os lugares cimeiros da hierarquia do envelhecimento populacional nacional e até mesmo europeu” (Nunes, 2006, p.125).

É feita de pessoas idosas, então, a paisagem humana predominante nas aldeias onde este estudo aconteceu. Estamos perante um grupo etário predominantemente envelhecido, constituído por pessoas que a emigração não levou ou que dela acabaram por regressar e que vivem agora num vasto território “marginal” dos grandes movimentos sociais contemporâneos. “Pelas características demográficas, pelo despovoamento e envelhecimento das populações, pelo isolamento e acessibilidades difíceis, estes territórios aprofundaram a sua condição de margem no pleno sentido económico-social, transformando-se na margem da margem regional” (Nunes, 2006, p.125).

A “ligação à terra”

Conhecer o significado que as pessoas atribuem aos lugares que habitam é importante para compreender as escolhas e as decisões que essas mesmas pessoas fazem ao longo de uma vida. O lugar que se habita não se resume a um endereço, a uma morada, derivando frequentemente muita da nossa satisfação (ou insatisfação) com a vida à maior ou menor identificação emocional com o espaço de viver. O conceito de “lugar” não é neutro, remetendo para a relação que se estabelece entre a pessoa e o ambiente físico tanto a evocação de sentimentos de pertença, como o estabelecimento da ligação entre o indivíduo e o seu passado, presente e futuro (Ponzetti, 2003; Sime, 1986).

O conjunto das interacções quotidianas que acontecem nesse espaço habitado é responsável pela criação daquilo que vários autores têm chamado de “vinculação ao

lugar” (Low & Altman, 1992; Milligan, 1998; Speller, 2005), expressão de cariz científico que traduz aquilo que espontaneamente, em particular no mundo rural, as pessoas designam por “ligação à terra”. O estudo da vinculação ao lugar visa compreender as relações das pessoas com os lugares em que vivem, explorando tanto a identidade em si mesma do lugar como a vinculação que as pessoas estabelecem face a ele: “a identidade de lugar tem um núcleo emocional que se manifesta nos laços formados em relação ao lugar, quer seja a casa ou os objectos nela presentes. À semelhança da vinculação emocional que as pessoas podem desenvolver em relação a outras, a vinculação à casa ou a outros lugares de referência, do passado, presente ou futuro, representa um importante contributo na formação da identidade” (Speller, 2005, p.140).

A vinculação ao lugar refere-se, pois, à ligação emocional que se estabelece entre um indivíduo e um determinado ambiente físico, atendendo ao sentido que o indivíduo atribui a esse ambiente e que se pode concretizar através de pensamentos, crenças, atitudes, comportamentos e sentimentos. A vinculação ao lugar envolve, assim, uma rede complexa de emoções, cognições e comportamentos referidos a um determinado lugar, lugar esse que representa para a pessoa que a ele se encontra ligado muito mais do que simplesmente um sítio; na verdade, é “o sítio” a que se pertence.

Milligan (1998) propôs uma teoria interaccionista de compreensão do fenómeno de vinculação ao lugar; partindo da premissa segundo a qual toda a interacção ocorre sempre num determinado contexto espacial, a vinculação ao lugar traduz uma interacção que é acompanhada por um significado especial para a pessoa que a protagoniza. Duas componentes devem estar presentes para que este significado ocorra: (i) a existência de um passado preenchido com experiências e memórias associadas ao lugar, (ii) a existência de um potencial de interacção futura, traduzida por expectativas e pela possibilidade de que futuras experiências venham a decorrer naquele lugar.

Outros contributos para a compreensão deste conceito foram propostos por Gustafson (2001) e por Giuliani (2003). Gustafson (2001) sugere um quadro de compreensão em que o *self*, os outros e o ambiente surgem como elementos essenciais para a compreensão dos diferentes significados que a expressão “lugar” pode adquirir. Giuliani (2003), por sua vez, sintetiza os principais constituintes da vinculação ao lugar falando

de “laços afectivos, referências à identidade, afectos, componentes cognitivas e comportamentais, sendo que nalguns casos a ênfase recai na vinculação colectiva e/ou individual” (Speller, 2005, p.141).

O significado particular da vinculação ao lugar entre as pessoas idosas foi realçado por Rubinstein & Parmelee (1992) e por Ponzetti (2003). Para estes autores, a relação entre a vinculação ao lugar e as tarefas desenvolvimentais que acompanham o processo de envelhecimento – como a manutenção de um sentido de identidade pessoal apesar das mudanças verificadas com o avanço da idade ou a necessidade de proteger o self de alterações nos modos de vida decorrentes do envelhecimento – garante um assinalável sentido de continuidade e de ajustamento pessoal. Para se compreender a importância da vinculação ao lugar para as pessoas idosas, aqueles autores propuseram um modelo integrativo constituído por três construtos: o primeiro focado na identidade (quem sou eu no mundo), o segundo focado na interdependência entre o indivíduo e o meio (como estou eu integrado no ambiente social), e o terceiro focado nos comportamentos exibidos num dado contexto (qual o espaço físico onde decorre a minha experiência de vida).

Como bem sintetiza Paúl (2005), numa revisão das teorias que explicam a vinculação do idoso à sua casa, “as pessoas estão ligadas às suas casas por laços afectivos, podendo ainda atribuir-lhes um valor simbólico, por associação a memórias do passado. As casas reflectem valores culturais relativos às identidades pessoais e sociais. A pessoa apropria-se do seu meio, que controla, formando uma unidade transaccional pessoa-ambiente” (p. 259-260).

Os idosos rurais e a “ligação à terra”

É difícil definir o que se entende por *idosos rurais* e é frequente utilizar-se esta expressão para denominar situações diversas, que vão desde idosos residentes em zonas não urbanas ou em pequenas povoações de menos de 2500 habitantes, a agricultores propriamente ditos vivendo em propriedades mais ou menos isoladas. No estudo agora aqui apresentado, referimo-nos de facto a pequenas comunidades afastadas de grandes centros urbanos, onde a maioria ou mesmo a quase totalidade dos seus habitantes nasceu, pelo que o consenso relativo à denominação de população rural é fácil de obter.

De qualquer forma, a questão da ruralidade é um dos extremos de um *continuum* de situações residenciais diversas em que os idosos envelhecem, apresentando todas elas características e necessidades específicas que devem ser consideradas. Krout & Coward (1998) referem os mitos existentes relativamente à vivência da “velhice no campo” para, depois, os analisarem na sua adequação à realidade presente e às políticas adoptadas para as regiões rurais. Os mitos por eles enumerados sobre os idosos rurais são os seguintes:

- reformam-se em pequenas comunidades bucólicas, onde os esperam anos de felicidade e contentamento com poucas preocupações ou cuidados;
- têm um forte apoio de redes familiares, que estão sempre disponíveis para lhes prestar os cuidados apropriados quando precisam;
- têm elevados níveis de saúde e satisfação;
- vivem em comunidades solidárias, que se preocupam especialmente com as necessidades dos idosos;
- têm pouca necessidade de serviços de apoio;
- embora não sejam ricos, conseguem suprir as suas necessidades de forma confortável porque os custos de vida no campo são mais baixos;
- são muito semelhantes enquanto pessoas e relativamente ao ambiente em que vivem.

Porém, conforme referem Krout & Coward – e qualquer um de nós o poderá constatar mediante uma observação atenta –, estas crenças estão muito distantes da realidade. As populações rurais da zona da raia debatem-se com inúmeras necessidades não preenchidas, como a ausência de serviços sociais, de saúde e de transportes, apresentam dificuldades económicas evidentes para aceder a serviços e equipamentos afastados da sua zona residencial, e a migração do mundo rural para zonas urbanas despovoou as comunidades e afastou potenciais cuidadores familiares. Isto faz com que haja, frequentemente, uma dupla ou tripla sobrecarga da condição de idoso, ou seja, vive-se em zonas fracamente povoadas e com poucos recursos, a que se associam ainda por vezes problemas de saúde, de baixos rendimentos e de solidão.

É globalmente neste tipo de contextos que os idosos do interior raiano de Portugal permanecem, ora entregues a si próprios e/ou aos seus cônjuges e companheiros de uma

vida, ora institucionalizados. A figura dos cuidadores informais não tem expressão, porque não está presente a geração dos filhos e o cuidado entre pares é mútuo dentro do casal, reflectindo a divisão de tarefas praticada ao longo da vida. O suporte dos vizinhos é sobretudo instrumental e também ele existente na sequência de uma troca habitual que se estendeu ao longo dos anos de convivência e proximidade. O cuidado formal, traduzido pela entrada para o Lar de Idosos, só é encarado geralmente como último recurso, podendo a institucionalização não se verificar necessariamente no lar da aldeia. Em muitos casos, os idosos institucionalizados optam por lares existentes nas cidades em que os filhos vivem e trabalham, acabando o lar da aldeia por ter muitos residentes oriundos de povoações limítrofes, obedecendo a uma lógica de preenchimento das vagas existentes com quem “bate à porta” e não especificamente com os habitantes da terra.

Não obstante as contrariedades presentes na vida quotidiana dos idosos rurais que vivem no interior de Portugal, é também verdade, por outro lado, que as povoações da raia apresentam uma cultura distinta e vincada, fundada numa história longa (em que mitos e factos se sobrepõem), em antigas tradições comunitárias (mais ou menos preservadas) e em actividades socioeconómicas por vezes bastante peculiares (caso do contrabando, na região abrangida pelo nosso estudo).

Por outro lado, o facto de estarmos perante uma zona bastante envelhecida sob o ponto de vista demográfica não significa exactamente abandono ou desprezo pelo espaço em que se vive. Pelo contrário, os idosos rurais que foram objecto do nosso estudo tendem a envelhecer na comunidade (“aging-in-place”) pelo máximo de tempo possível, correspondendo ao que a investigação mais recente neste domínio tem apontado como tendência predominante (Fonseca, Paúl, Martin & Amado, 2005), ou seja, os idosos desejam envelhecer “em casa” e se mais tal não sucede é porque muitas comunidades rurais não dispõem de serviços e recursos capazes de auxiliar os idosos na satisfação de necessidades básicas de gestão do dia-a-dia.

O desejo de envelhecer em casa é tanto mais de salientar quanto mais as dificuldades de gestão do quotidiano a que atrás aludimos fazem desse objectivo uma tarefa extremamente desafiante, do ponto de vista adaptativo, para todos aqueles que escolhem permanecer no meio rural. Na verdade, apesar das dificuldades gerais de adaptação do

idoso à condição rural decorrentes da escassez de recursos de apoio, muitos idosos resistem a deslocar-se (mesmo podendo fazê-lo) do lugar onde sempre viverem, permanecendo ligados à terra que conhecem e que espontaneamente chamam de sua. É razoável, por isso, admitir que os idosos rurais experimentam de modo muito especial sentimentos de identificação e de conforto através da vinculação ao lugar, desejando por isso mesmo envelhecer rodeados pelo espaço que conhecem, espaço físico, social e psicológico.

Os trabalhos a este respeito de Norris-Baker & Scheidt, por um lado, e de Rowles, por outro lado, foram determinantes para se compreender as razões desta ligação à terra entre idosos rurais.

Assim, nos seus estudos sobre as motivações inerentes à permanência dos idosos nos seus locais de residência em meio rural, onde desejavam envelhecer, Norris-Baker & Scheidt (1994) encontraram as seguintes categorias de explicação para esta “ligação à terra”: a casa (onde se mora), o lugar (ambiente físico), a comunidade (social), a terra (de cultivo). Para estes autores, a identidade de um lugar e a ligação ao meio onde vivem são dimensões importantes na vida dos idosos, encontrando aí verdadeiros “contextos comportamentais” significativos do ponto de vista pessoal e/ou cultural.

Já Rowles (1994) descreve essa ligação enunciando as três dimensões de vinculação ao lugar que mais frequentemente encontramos na velhice:

- *ligação física*: familiaridade com o ambiente físico, a qual se obtém vivendo num determinado local por um longo período de tempo; este sentimento de ligação física pode compensar o declínio de capacidades sensoriais e de mobilidade que se verifica à medida que se envelhece, permitindo aos residentes idosos continuarem a deslocar-se com autonomia e confiança por espaços que já conhecem (manutenção de um sentido de competência no domínio do lugar);
- *ligação social*: pelo facto de viverem num determinado lugar por longos períodos de tempo, as pessoas tornam-se uma componente social desse mesmo lugar, formando efectivamente uma “comunidade de pessoas” e já não apenas simples habitantes; na medida em que são uma “parte antiga” dessa comunidade social, as pessoas idosas detêm um crédito de reconhecimento por vizinhos e/ou amigos que lhes permite requerer (e obter com maior facilidade) suporte e assistência em caso de necessidade;

- *ligação psicológica*: para além do espaço físico e do contexto social que nos rodeia, atribuir um determinado sentido ao lugar onde se vive faz-nos sentir pertença de um “lugar intemporal”, feito de narrativas e culturas que devemos ajudar a preservar e acrescentar; os idosos em que este sentido de ligação está presente são pessoas que desenvolveram ao longo de uma vida uma noção histórica de pertença a um lugar que se torna um autêntico mosaico de lembranças, por meio das quais a própria história do lugar vai sendo construída e passada à geração seguinte.

Finalmente, partilhamos com Paúl (2005) a crença de que a importância da “ligação à terra” entre idosos rurais não pode ser desligada do bem-estar psicológico induzido por esta ligação. Ao viverem num ambiente amigável, previsível, que pouco muda ao longo dos anos e que inspira segurança, onde as actividades de vida diária podem ser realizadas com o máximo de eficácia, a pessoa idosa tem consciência de que a “terra” onde vive ocupa um lugar muito importante na sua competência adaptativa, pelo que a satisfação com o ambiente residencial acaba por ligar-se decisivamente com a percepção de bem-estar psicológico.

Descrição do estudo realizado

Amostra

Este estudo foi realizado junto de 50 pessoas idosas de três aldeias da raia Portuguesa, assim distribuídas: Aldeia Velha (AV) – 16 sujeitos, Aldeia do Bispo (AB) – 17 sujeitos, e Aldeia da Ponte (AP) – 17 sujeitos.

O principal critério de inclusão na amostra foi a idade. Estabelecendo como idade mínima para a realização da entrevista 60 anos de idade, procurou-se também que a amostra estivesse uniformemente distribuída em termos de género. Em relação ao contexto de vida, foram consideradas como elegíveis para a amostra todas as pessoas idosas que reunissem uma ou mais das seguintes condições: (i) ser natural da aldeia onde as entrevistas estivessem a ser recolhidas; (ii) ter saído da aldeia de origem em busca de trabalho e ter regressado; (iii) ter passado a viver na aldeia, uma vez reformado(a).

Dos 50 sujeitos entrevistados, 88% (44 pessoas) nasceram na aldeia onde foi realizada a entrevista e 12% (6 pessoas) não são daí naturais, tendo sido incluídas no estudo ou porque vivem desde cedo numa das aldeias e não consideram a hipótese de abandoná-la, ou porque emigraram e voltaram para aquela aldeia em vez de o fazerem para o local de naturalidade.

Aproximadamente 56% são do sexo feminino (28 mulheres) e 44% do sexo masculino (22 homens). As idades oscilavam entre 62 e 93 anos, com uma média de 77 anos. Relativamente ao estado civil, a maioria dos sujeitos é casada (50%, 16 homens e 9 mulheres), 38% são viúvos (5 homens e 14 mulheres), 10% solteiros (5 mulheres) e uma pessoa (1 homem) era separada (2%). A média de filhos era 1,8 (desvio padrão de 2,2), oscilando entre 0 e 9 filhos. De notar, contudo, que não foi possível averiguar o número de filhos a 42% dos sujeitos (21 idosos).

No que diz respeito à residência dos idosos entrevistados, 90% (45 pessoas) vivem permanentemente na aldeia onde foi realizada a entrevista; 70% (35 pessoas) vive em casa própria e 20% (10 pessoas) no Lar de Idosos localizado na aldeia. Apenas 10% (5 pessoas) dos entrevistados viviam permanentemente fora da aldeia onde a entrevista decorreu, mantendo aí, contudo, uma segunda habitação.

Finalmente, no que respeito à realidade migratória destes idosos (dentro e fora do país), 81% (41 idosos) dos sujeitos migraram: 24 pessoas saíram do país (principalmente para França), 11 deslocaram-se para outras localidades dentro de Portugal, e 6 idosos fizeram-no para dentro e para fora do país. Já 18% dos idosos (9 em termos absolutos) nunca viveu noutro local além da sua aldeia.

Instrumento

Definiu-se como metodologia de recolha de dados a realização de entrevistas individuais através da realização de uma entrevista semi-estruturada, baseada num guião previamente definido pelos membros da equipa de investigação. Os temas abordados foram, a migração, o regresso, família e amigos, comunidade, tradições, locais e serviços públicos, natureza e paisagens.

1. Introdução geral e objectivos do estudo.
 2. Algumas questões demográficas gerais (nome, idade, estado civil, com quem mora).
 3. Gosta de viver aqui? Porquê?
 4. Sempre morou aqui?
 - 4.1. **Sim:** Alguma vez teve oportunidade para sair? Quais acha que foram os principais motivos para não ter decidido partir?
 - 4.2. **Não:** Onde é que também já morou? Durante quanto tempo? Quais foram os principais motivos que o(a) levaram a sair? E porque é que decidiu voltar? Quando esteve fora, de que é que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)?
 5. Se eu lhe desse agora para as mãos uma máquina fotográfica e lhe pedisse para fotografar lugares, tradições, coisas, pessoas, da sua terra, que tivessem muito significado para si, o que é que fotografava?
 6. Se amanhã tivesse de ir viver para outro lugar, de que é que acha que iria sentir mais falta?
 7. Quais foram os acontecimentos mais marcantes da sua vida? (Para compreender a eventual ligação desses acontecimentos à “terra” onde vivem.)
-

Procedimentos

O primeiro contacto com a região foi estabelecido através de uma visita de campo, com o intuito de seleccionar as aldeias para a recolha de dados. Foram definidas como amostra geográfica específica as três aldeias da raia fronteiriça do concelho do Sabugal/distrito da Guarda já referenciadas. Todas as aldeias são definidas como zonas de baixa densidade populacional, oscilando entre os 300 e os 500 habitantes (INE, 2001). A proporção entre géneros é equilibrada, havendo um número ligeiramente inferior de homens nas três aldeias. Para além da população residente, regista-se em todas elas um afluxo populacional elevado no mês de Agosto, sobretudo de pessoas emigradas em diversos países que nesse mês regressam às suas aldeias de origem.

Uma vez seleccionadas as aldeias, procedeu-se à calendarização da recolha de dados. Tendo em conta o regresso sazonal (em Agosto) de um número considerável de naturais, considerou-se preferível evitar esse mês, não só porque introduz bastantes alterações no quotidiano das aldeias, que os seus habitantes preferem partilhar entre si, mas também porque tal data coincide com a ocorrência de diversas festas, o que poderia mesmo inviabilizar a realização das entrevistas. Estabeleceu-se como data para recolha de dados os dias 27, 28 e 29 de Julho de 2007, sendo designado um dia para cada uma das aldeias. Para a realização das entrevistas, a equipa de investigação ficou alojada no concelho de realização das mesmas durante cinco dias.

A estratégia de recolha de dados consistiu na abordagem directa dos sujeitos, nos locais onde costumavam encontrar-se (ruas, praças, cafés). A receptividade foi, de um modo geral, bastante elevada. Após a apresentação da entrevistadora e dos objectivos resumidos da entrevista, os sujeitos respondiam às questões colocadas. Em média, cada entrevista durava cerca de vinte minutos. No final, muitos entrevistados sugeriam frequentemente a visita a locais específicos da aldeia, como a igreja ou até a própria casa. Surgiram também propostas para a realização da entrevista a um ou outro habitante, parente ou amigo, sublinhando que “esse sim, é que tem muitas histórias para contar”.

Resultados

As entrevistas foram registadas em suporte áudio e posteriormente transcritas. Os dados obtidos foram tratados através de análise de conteúdo dos discursos produzidos, sublinhando e analisando as categorias de discurso mais presentes nas respostas e procurando, através da análise destes elementos, chegar à noção de identidade dos indivíduos da amostra (através da maior ou menor valorização dos índices que marcam a sua “ligação à terra” e dos discursos que produzem sobre esses índices).

Uma grande parte dos inquiridos foi unânime na questão *Gosta de viver aqui?*, respondendo afirmativamente. As categorias de resposta para a segunda questão – *Porquê?* – foram várias, havendo uma maior incidência de referências a “habitantes/amigos/ família/convívio”, à “naturalidade” (o facto de terem nascido naquela terra); à ligação à “terra” (como um todo, como uma entidade de relacionamento) e às “tradições” (sobretudo relacionadas com as festas populares,

associadas aos Santos, e com a tradição tauromáquica que caracteriza aquela região). Para aqueles que não gostavam de viver naquela aldeia, ou estavam conformados com essa realidade, as razões apontadas foram sobretudo as “festas/barulho”, os “habitantes” e a falta de atractividade da aldeia (“não haver nada”) (Quadro 1).

Quadro 1. *Gosta de viver aqui? Porquê?*

Categoria	Exemplos
Sim	
Naturalidade	<p>“Então não havia de gostar? Sou nascido cá.” (Domingos, 91 anos, AV)</p> <p>“Eu aqui gosto de tudo, porque nasci e fui aqui criada.” (Deolinda, 81 anos, AV)</p> <p>“Ah, pois claro! Eu fui aqui nascido, tinha cá as minhas coisinhas.” (João, 69 anos, AV)</p> <p>“Muito. Foi aqui que nasci!” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Muito! Adoro, adoro. Por que nasci cá e todo o tempo que tive de ausência, sinto ainda no coração.” (Emílio, 77 anos, AB)</p> <p>“Aqui sempre foi a minha aldeia, onde eu fui criado, E depois é uma terra pura, estes ares são bons.” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“Gosto muito. Eu fui criado aqui, vim de França à 20 anos, eu estava lá porque era obrigado, para ganhar dinheiro” (Joaquim, 73 anos, AB)</p> <p>“Gosto, nasci cá, é a minha terra, gosto de viver cá.” (Julieta, 74 anos, AB)</p> <p>“Gosto muito. Porque nasci aqui, tenho cá as minhas raízes e gosto muito de cá.” (Maria, 62 anos, AB)</p>
Casamento	<p>“Gosto muito, fui muito feliz cá com a minha esposa que morreu há dez anos.” (Dionísio, 84 anos, AV)</p>
Habitantes/amigos/família/convívio	<p>“Gosto muita da minha terra. Então tem muita gente assim... boa de mais. Há de tudo.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Eu gosto das pessoas, de ter amizade às pessoas.” (Deolinda, 81 anos, AV)</p> <p>“Tenho os amigos, os amigos todos e clientes que são também clientes e amigos, pois claro!” (David, 83 anos, AV)</p> <p>“...gosto do pessoal que é como nas outras terras, há bons e maus.” (Dionísio, 84 anos, AV)</p> <p>“Gosto, muito. O ambiente aqui que temos, tudo, não é. Temos assim uns de certa idade e jogamos as cartas todas as tardes, e... claro, bebem-se uns copitos, cada bebe uma coisa.” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“...tem as pessoas que eu conheço, é outro ambiente.” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“O bom aqui é que se encontram amigos, como nós temos a mesma origem, acabamos por nos entender um pouco, temos afinidades em alguns pontos.” (João, 66 anos, AB)</p> <p>“Gosto de viver cá, gosto muito do povo. (...) A minha mulher era de cá e ganhei amor ao povo.” (Mateus, 76 anos, AB)</p> <p>“Gosto mais de estar porque pronto, aqui a gente conversa mais com</p>

esta e com aquela e com a aqueloutra, lá tinha que estar a gente em casa, não é como aqui, aqui posso andar de um lado para o outro e encontro esta e aquela a converso e uma pessoa está, pronto, espairose.” (Deolinda, 74 anos, AP)

“Sim, até agora gosto mais de estar aqui do que onde estou. Porque eu não gosto de estar em Cantanhede, não gosto das pessoas, elas não são como nós, nós aqui se precisamos de uma couve ou de um quilo de feijão verde este dá-me a mim e eu dou batatas àquele, está a compreender, lá não é assim. (...) Aqui um vizinho dá ao outro vizinho, se um tem isto troca com aquele que tem aquilo, é tudo muito amigo.” (Maria, 73 anos, AP)

“Por acaso gosto especialmente desta rua, as pessoas daqui eram mesmo muito unidas...Tenho também muitas recordações dos dias que passei dos campos, ia para lá com as minhas amigas para ganhar o jornal e assim.” (Júlia, 62 anos, AP)

“Gosto de tudo. Gostava muito da minha casinha e das minhas filhas, da minha família toda, que já morreu há muitos anos agora.” (Isabel, 85 anos, AP)

Desconhecimento de outros locais “Porque não tive outra ideia, sempre estive aqui.” (Teresa, 73 anos, AV)
 “Então, não conheci outra coisa, mais do que Lisboa aqueles anos e portanto...” (David, 83 anos, AV)

Aldeia/”terra” “Sinceramente do que eu gosto é da aldeia mesmo.” (Maria 70 anos, AV)
 “Gosto de tudo, que eu só gosto de estar aqui. Gosto da minha casa, gosto de vir à Igreja, gosto de falar com as pessoas.” (Laurinda, 76 anos, AV)
 “Gosto de tudo.” (Arminda, 70 anos, AB)
 “Porque é uma terra linda, é a minha terra (...) é uma terra linda.” (Emílio, 77 anos, AB)
 “...olhe, não há nenhuma aldeia que seja tão linda como a nossa. Ai eu não gosto de Lisboa. Só gosto da minha terra. O que mais gosto. Ui! Da Aldeia do Bispo! De estar aqui, gosto daqui. Gosto.” (Júlia, 80 anos, AB)
 “Na minha aldeia gosto de tudo, nem que seja feio, gosto de tudo. Olhe, da igreja, de ir à missa e adorar a Deus.” (Maria José, 91 anos, AB)
 “Gosto, gosto da minha aldeia, não há aldeia mais linda. Então não é linda a minha aldeia? Então dê a volta e já vê o que é a Aldeia da Ponte. É muito linda, as ruas muito abertas. Temos aí um rico lar. Temos aí a Praça de toiros e aquele bairro lá em cima.” (Isabel, 84 anos, AP)
 “Mas não me considero cidadão, sou um homem da província. Sempre que posso fujo aqui para a minha aldeia, os meus colegas até brincam comigo porque não percebem o que tanto aqui me traz (...) Mas aqui respiram-se outros ares, outra qualidade. Quando cá estou nem me apercebo da idade que tenho, ainda me sinto com 20 anos, nem me sinto um reformado.” (José, 72 anos, AP)
 “Eu gosto de tudo. Esta é a nossa terra.” (Clara, 84 anos, AP)

Sossego “É muito sossego.” (Gracinda, 62 anos, AV)
 “É um ambiente sossegado, principalmente.” (Irene, 87 anos, AV)
 “...trouxe-me aqui o sossego!” (António, 80 anos, AB)

Tradições	<p>“...e depois gosto muito porque aqui ainda há umas tradições muito antigas da religião.” (Gracinda, 62 anos, AV)</p> <p>“O que eu gosto mais, é de fazer por cá o forcão... Gosto das touradas.” (Dionísio, 84 anos, AV)</p> <p>“Depois temos aqui as touradas também.” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“Temos também uma grande festa, dia 13 de Agosto, a tourada” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“Nós aqui temos a tourada, que vai ser agora em breve, onde se junta toda a gente em frente ao longo da aldeia, onde a malta nova se reúne e corre atrás dos touros, são tradições já muito antigas, (...) mas mesmo assim muito bonito.” (Joaquim, 73 anos, AB)</p> <p>“O que mais gosto aqui na Aldeia da Ponte: agora do dia 19 ao dia 27 é aqui uma grande festa.” (Ilda, 86 anos, AP)</p> <p>“Toda a minha vida gostei das touradas.” (Isabel, 80 anos, AP)</p> <p>“Nós aqui temos a tourada, que vai ser agora em breve, onde se junta toda a gente em frente ao longo da aldeia, onde a malta nova se reúne e corre atrás dos touros, são tradições já muito antigas, se houvesse a festa e não houvesse a tourada isto não era festa, isto é de amadores, mas mesmo assim muito bonito.” (Joaquim, 73 anos, AB)</p>
Controlo/familiaridade do ambiente	“É um ambiente que já o entendo bem.” (Irene, 87 anos, AV)
Bens pessoais	<p>“Eu fui aqui nascido, tenha cá as minhas coisinhas.” (João, 69 anos, AV)</p> <p>“Gosto do jardim da minha casa, é o meu desporto.” (Mateus, 76 anos, AB)</p>
Saúde	“...eu sinto-me melhor aqui, mesmo para a minha saúde é melhor, lá (na França) estava sempre no médico por causa do frio.” (Joaquim, 73 anos, AB)
<hr/>	
Não/Conformados	
Conformados	“Que remédio tenho eu, não tenho outro lugar.” (António, 70 anos, AV)
Festas/barulho	“As festas não gosto muito porque dão cabo de mim, não me deixam dormir, a música na praça é muito perto da minha casa. Já não se respeita os velhos.” (António, 70 anos, AV)
Nada	“Aqui é só pelo clima. Tirando o clima, não gosto cá de nada.” (Júlio, 68 anos, AB)
Habitantes	<p>“Se quer que lhe seja franca, não. O convívio com as pessoas já não é o mesmo que deixámos cá e em segundo porque tenho os filhos e os netos todos em França. O meu marido é que gosta mais de estar cá. As pessoas já não têm a mesma mentalidade, não há a mesma harmonia, nem o mesmo amor, não há aquele carinho e amizade que antes havia, antigamente, a lealdade que as pessoas tinham umas com as outras. Só gosto de estar aqui por causa de duas ou três pessoas íntimas, com quem posso contar. É só isso. Falta aqui muita coisa, sobretudo os centros de saúde, a assistência médica, e eu tive o problema que tive, tiraram-me o estômago e tudo, e se estivesse cá não sei, talvez tivesse curado, mas eu em França foi detectado e oito</p>

dias depois já estava operada. E isto há já dez anos. Mas o meu marido gosta mais de estar aqui.” (Maria, 62 anos, AP)

Para aqueles que nunca viveram fora da sua aldeia, as principais razões apontadas para tal foram principalmente as questões relativas à “saúde” (condições de saúde que impediam o trabalho) e ao “auxílio a familiares” (ficar na aldeia a cuidar ou a apoiar algum familiar). Foram também referidos aspectos como a recusa do cônjuge em abandonar a aldeia, assim como o trabalho já construído nesse local e a ligação à terra de uma forma geral e inespecífica. (Quadro 2).

Quadro 2. *Sempre morou aqui? Alguma vez teve oportunidade para sair? Quais acha que foram os principais motivos para não ter decidido partir?*

Categoria	Exemplos
Saúde	“Nunca quis ir. Não sei, porque nunca pensei nisso. E talvez por causa do braço eu nunca pensei em sair, porque eu não podia trabalhar em condições.” (Teresa, 73 anos, AV) “Não, porque não podia. Por causa da saúde.” (Laurinda, 76 anos, AV)
Emprego/negócios já existentes	“Não era que eu não tivesse pensado, que o meu marido ainda falou nisso. Quando casámos disse muitas vezes que ia para a França, mas como tínhamos o negociozinho, tínhamos o talho e a taberna, tínhamos as vacas, lá nos remediámos. Muita gente foi para fora porque não se governava.” (Maria, 70 anos, AV)
Cônjuge	“Eu não. O meu marido nunca quis sair. (...) Porque ele não gostava de ir e eu fiz-lhe a vontade.” (Júlia, 80 anos, AB)
Aldeia	“Não, sempre gostei da minha aldeia, a minha aldeia é pobre mas eu gosto muito dela.” (Maria José, 91 anos, AB)
Auxílio da família	“Não, não. Nunca, nunca, nunca, nunca. Ajudei a criar cinco irmãs. Pois então fiquei. O meu pai é cego. Sempre, sempre. Sempre no auxílio dos meus pais, coitadinhos.” (Ilda, 86anos, AP) “Mas nunca quis ir para fora, o meu pai morreu quando eu tinha quatro anos e eu fiquei sempre aqui para ajudar a minha mãe com a casa e com os meus irmãos.” (Clara, 84 anos, AP) “Não, eu não era assim, eu gostava de estar aqui e tinha emprego, não precisava e depois tinha muita estima à minha mãe, não ia deixá-la sozinha.” (Clara, 84 anos, AP)

Os principais motivos que conduziram à migração foram as seguintes: “questões económicas” (dificuldades económicas, procura de empregos com melhores benefícios, ganhar dinheiro) e “acompanhar o cônjuge/familiar” (Quadro 3).

Quadro 3. *Quais foram os principais motivos que o(a) levaram a sair?*

Categoria	Exemplos
Questões económicas	<p>“Ganhar dinheiro. A trabalhar.” (Domingos, 91 anos AV)</p> <p>“Para ter um melhor emprego e ganhar mais dinheiro.” (João, 80 anos, AV)</p> <p>“Aqui havia pouco para fazer. (...) “Quando eu para lá fui [França] arranjava-se lá bem emprego, tinha também família.” (João, 80 anos, AV)</p> <p>“Ah! Aqui éramos uma terra muito má. Pobre.” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Olha, miséria, arranjar uma casinha.” (Arminda, 79 anos, AB)</p> <p>“Gostava muito de morar aqui mas não tínhamos emprego, nem fábricas nem nada.” (Maria, 73 anos, AP)</p> <p>“Quando fui para lá pensei que ia estar lá 2 ou 3 anos, porque quando fui pensava que se colhia o dinheiro numa árvore e que vinha depressa.” (Júlia, 62 anos, AP)</p> <p>“Porque era muita fome e não se ganhava. Cá, era caldo de couves de manhã e caldo de couves à noite.” (Manuel, 80 anos, AP)</p>
Acompanhar o cônjuge /familiar	<p>“Tinha lá o marido e ele levou-me.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Fui para Lisboa porque o meu marido era GNR, lá estive 20 anos, um mês e três dias. Fomos para lá porque ele estava lá colocado, eu tinha 25 anos, ainda era nova.” (Deolinda, 80 anos, AV)</p> <p>“Porque perdi a minha mãe tinha sete anos.” (Júlio, 68 anos, AB)</p> <p>“Porque o meu marido viu ir os outros e também quis ir, havia lá mais dinheiro.” (Isabel, 85 anos, AP)</p>
Incentivado por familiares	<p>“Estavam os meus irmãos e muita família que disseram para a gente ir e fomos. Ganhávamos mais dinheiro e melhor a vida do que em Lisboa.” (Cândida, 74 anos, AV)</p>
Profissão	<p>“Pois, por causa de ser guarda-fiscal.” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“Porque aqui não tínhamos trabalho, não havia nada aqui na aldeia, só o contrabando para a Espanha, eram tempos muito difíceis.” (Isabel, 86 anos, AB)</p>
Estudar	<p>“Nasci sim, mas depois aos 13 anos fui estudar para o Porto, tinha lá família.” (José, 72 anos, AP)</p>

As razões para o regresso dos idosos inquiridos são também variadas. São referidas as questões de “saúde”, que impediram a continuação na vida activa, as saudades da

“família” e a “ligação à aldeia”, reportada às suas características ambientais e humanas. O alcance da “estabilidade financeira” e a “morte do cônjuge”, entre outras, são também razões que precipitaram o regresso destes idosos às suas aldeias (Quadro 4).

Quadro 4. *E porque decidiu voltar?*

Categoria	Exemplos
Saúde	<p>“E lá fui operada a uma perna. Depois voltei para aqui e por aqui estou. Que remédio é que eu tinha, ia para onde? Se tivesse opção não era aqui que eu estava.” (Isabel, 80 anos, AP)</p> <p>“Fiquei na França, vi-me muito mal, tive que ser operada ao apêndice e fui toda aberta, depois já não podia trabalhar e voltei para cá.” (Emília, 79 anos, AP)</p> <p>“Porque o meu marido adoeceu também. Sofria do coração. E eu depois já não podia trabalhar e a assistência social avisou-o da reforma. Eu gostava. Mas naquela altura, o meu marido quis vir.” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Não, estive em França mas foi por pouco tempo tive lá um acidente, e não podia trabalhar.” (António, 70 anos, AV)</p>
Ligação à aldeia	<p>“São as minhas raízes, eu sou muito fiel às minhas raízes. Nasci aqui, aqui tenho as minhas recordações, aqui vou morrer.” (José, 72 anos, AP)</p> <p>“Decidi, para fazer uma casinha minha e a minha esposa queria voltar, acabamos por cá ficar.” (Manuel, 72 anos, AP)</p> <p>“Sim, sempre me senti muito desejosa de regressar aqui, mal nos reformámos, voltámos.” (Isabel, 75 anos, AP)</p> <p>“A idade foi avançando, e fui para a reforma, não podia estar lá porque sou muito amigo de Portugal, e vim embora porque eu gosto da aldeia, sou muito amigo aqui da terra.” (Joaquim, 73 anos, AB)</p> <p>“Porque até gostei da Aldeia do Bispo [casado com uma senhora natural da Aldeia do Bispo, emigrante em França, regressou à terra natal da esposa], gosto deste ar puro, do ar da Serra.” (Mateus, 76 anos, AB)</p> <p>“Mas depois já lá não estávamos a fazer nada, já estávamos na reforma, e então viemos para o pé da família, pois claro, que esta é a nossa terra.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p>
Morte do cônjuge	<p>“Foi quando o meu marido morreu, ele lá ficou e então eu vim embora para cá, não estava lá a fazer nada.” (Deolinda, 74 anos, AP)</p> <p>“Depois o meu pai morreu e a minha mãe foi para Lisboa, ainda lá esteve um ano comigo, depois que ele (o marido) morreu é que voltamos as duas para a aldeia, como tínhamos cá a casa dos meus pais, que agora é minha.” (Deolinda, 81 anos, AV)</p>
Família	<p>“As filhas, elas não gostavam de estar lá, elas gostavam de tudo de cá.” (Isabel, 85 anos, AP)</p> <p>“E pronto, olhe, tinha cá os meus pais que se lembravam muito de</p>

mim, moram numa casa ali atrás, numa vivenda. E são as nossas raízes, acho que isto tem muita importância para nós.” (Julieta, 74 anos, AB)

“Eu tinha cá ainda a minha sogra e o meu pai ainda era vivo e tínhamos cá umas propriedades mas eu não tinha muito interesse em voltar aqui...” (António, 80 anos, AB)

“O meu marido quis vir, olhe, eu não queria vir.” (Arminda, 70 anos, AB)

“Porque tinha cá os meus pais e os meus sogros e éramos daqui, não é. A gente regressa sempre, é como os emigrantes, também querem regressar sempre a Portugal, não é. Nós regressamos à terra.” (António, 79 anos, AB)

“Voltei porque quando fui para a França era solteiro, passado três anos casei, a mulher era de cá, e durante o tempo que lá estive ela ficou cá, mas isso não era vida, e depois vim para cá!” (João, 69 anos, AV)

Busca de tranquilidade espiritual	“Há um momento da nossa vida em que decidimos que o importante não é só o trabalho e eu resolvi, até mesmo muito cedo, que iria ocupar-me de uma questão pessoal, espiritual, digamos. Cá eu tive tempo para ler, para trabalhar na terra, trabalhar numa horta.” (José, 66 anos, AB)
-----------------------------------	---

Estabilidade financeira	“Porque já tinha dinheiro.” (Domingos, 91 anos, AV) “Já estava a vida meia arrumada, viemos embora.” (Adélia, 84 anos, AV)
-------------------------	---

As respostas à questão *Quando esteve fora, de que é que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)?*, distribuem-se por cinco categorias, compreendendo os seguintes aspectos: “família/habitantes/amigos”, “características ambientais”, “coisas pessoais”, “tradições”, e “nada” (Quadro 5).

Quadro 5. *Quando esteve fora, de que é que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)?*

Categoria	Exemplos
Família/habitantes/amigos	<p>“O que sentia mais falta daqui era a filha e a mãe.” (Delfina, 78 anos, AV)</p> <p>“Fazia falta era a mulher.” (Domingos, 91 anos, AV)</p> <p>“Aqui conhecia as pessoas, lá só conhecia aquela senhora para quem trabalhava.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Sentia falta da minha gente.” (João, 80 anos, AV)</p> <p>“Sentia falta da minha filha. Deixei cá. Deixei-a com 9 meses.” (Arminda, 70 anos, AB)</p> <p>“E claro, tinha saudades da minha família, da minha querida mãe, que pai já não tinha, quando casei havia um ano que ele já tinha morrido.” (Isabel, 86 anos, AB)</p> <p>“Para lhe dizer a verdade, da minha mãe que cá deixei.” (João, 71 anos, AB)</p>

	<p>“Da terra, da família toda. Escrevia muito para a minha família...” (Emília, 79 anos, AP)</p>
Características ambientais	<p>“Lembrava-me muitas vezes da água da fonte.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Sentia a gente a saudade. E quando a gente, ainda agora no mês de Agosto... Vínhamos sempre de férias. E era uma alegria. Era a terra. Era a terra que nos chamava.” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Quando nós éramos garotos o campo era muito bonito e o ambiente era muito bucólico, com as famílias a trabalhar, com todas as actividades de campo – nós vivíamos na Idade Média, cá na aldeia. E isso criou um ambiente que era saudável para as pessoas e eu gostava dessa parte...” (José, 66 anos, AB)</p> <p>“Era de tudo, de todos os cantinhos daqui do povo a gente se lembrava enquanto estava lá, sempre, dos nossos tempos da mocidade, de tudo. (...) era mesmo da terra”. (Isabel, 75 anos, AP)</p> <p>“Sentia falta da terra. Sempre, sempre.” (Sr. Manuel, 80 anos, AP)</p> <p>“Para lhe dizer a verdade, sentia falta da aldeia, porque a gente fica sempre agarrado às raízes da terra onde nasceu.” (António, 72 anos, AP)</p>
Das coisas pessoais	<p>“De tudo. Aqui tinha a minha casinha para viver, lá tinha que arrendar uma casa.” (Isabel, 86 anos, AB)</p>
Tradições	<p>“Os bailes que havia dantes e as romarias que a gente fazia cá, sempre, aos domingos e os jogos que a gente fazia dantes, que agora já não se vê nada disso.” (Maria, 62 anos, AB)</p> <p>“Recordava as festas daqui e vinha cá todos os anos de propósito.” (Isabel, 75 anos, AP)</p>
Nada	<p>“Não me fazia falta nada, daqui só me lembrava as misérias.” (João, 80 anos, AV)</p> <p>“Não, porque já estava habituado.” (Júlio, 68 anos, AB)</p> <p>“Não tinha saudades nenhuma daqui da aldeia, o que eu queria era ganhar dinheiro. As touradas lá são muito maiores que cá, e aí é que eu gostava de as ver!” (Isabel, 80 anos, AP)</p>

O Quadro 6 apresenta a categorização das respostas à pergunta *Se eu lhe desse agora para as mãos uma máquina fotográfica e lhe pedisse para fotografar lugares, tradições, coisas, pessoas, da sua terra, que tivessem muito significado para si, o que é que fotografava?* A maior parte das respostas diz respeito às “características da terra” (edifícios, ruas, etc.) e às “tradições”. A “família e os amigos” são também referidos, mas em menor extensão.

Quadro 6. *Se eu lhe desse agora para as mãos uma máquina fotográfica e lhe pedisse para fotografar lugares, tradições, coisas, pessoas, da sua terra, que tivessem muito significado para si, o que é que fotografava?*

Categoria	Exemplos
Tradições	<p>“Ah, as touradas...” (Clara, 84 anos, AP)</p> <p>“Temos em Agosto as festas do nosso santo, com a tourada e a procissão.” (António, 72 anos, AP)</p> <p>“A festa da nossa terra e as coisas mais antigas como este Santo Antão, as iluminações que vão pôr depois para a festa. Essas coisas todas.” (Maria, 62 anos, AB)</p> <p>“As tradições são agora as festas de Verão que incluem quase sempre uma capeia, a tourada...” (António, 80 anos, AB)</p> <p>“Temos também uma festa muito bonita, a de Santo Antão, em Janeiro, e o Carnaval é muito bonito também.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“As corridas. Para mim touros e cavalos é um mundo.” (Emílio, 77 anos, AB)</p> <p>“Onde se fazem as festas, as touradas, o forcão, o largo, mas do resto é fraquito, muito calmo, mas eu gosto desta calma...” (João, 69 anos, AV)</p> <p>“Festas a 24 e 25 de Agosto, a tourada. Toda a vida lá fui, os santinhos todos no andor, a rua enche-se de gente e de música” (Deolinda, 81 anos, AV)</p> <p>“Dia 24 e 25 as festas, primeiro a festa católica na igreja e no outro dia a tourada e o baile.” (João, 80 anos, AV)</p>
Família/amigos	<p>“Da minha mãe, quando era nova.” (Clara, 84 anos, AP)</p> <p>“E as minhas amigas.” (Isabel Moreira, 84 anos, AP)</p> <p>“E as pessoas, que conheço muito bem.” (Isabel, 75 anos, AP)</p> <p>“Tirava também algumas às pessoas, à minha vizinhança principalmente.” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“As pessoas também são boas.” (Júlia, 80 anos, AB)</p> <p>“Tenho os amigos.” (David Morais, 83 anos, AV)</p>
Características da terra	<p>“Mas sabe, eu tenho fotografias de todas as pedras daqui das aldeias, não existe uma única pedra inscrita ou com significado histórico que eu não tenha já fotografado e datado. E tenho fotografias das ruas, das pedras de calçadas que já desapareceram.” (José, 72 anos, AP)</p> <p>“Eu para lhe dizer, eu gosto de tudo. Por exemplo temos um convento. É uma obra muito importante. Agora é o lar. É do melhor que há. É grande, luxo.” (Manuel, 80 anos, AP)</p> <p>“A casa e a minha aldeia e a minha rua. E a minha igreja. Já foi à igreja?</p> <p>A minha terra.” (Isabel, 84 anos, AP)</p> <p>“A igreja, que é uma beleza. O mosteiro, e a capela que era o antigo cemitério. Temos também a praça de touros. De Santa Bárbara também tem uma vista muito bonita.” (Isabel, 75 anos, AP)</p> <p>“E as minhas casas. É tudo muito bonito.” (Maria, 62 anos, AB)</p> <p>“A praça, a piscina, o lar dos idosos que é uma obra que tem o pavilhão.” (Julieta, 74 anos, AB)</p> <p>“O Lar, principalmente o Lar. E as igrejas, coisas assim. E a praça, as fontes, os chafarizes... Esta é uma aldeia muito bonita, para nós.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“Eu aqui nem consigo escolher... Tirava por exemplo ao nosso Enxido, ali à praça, à nossa igreja, ao campanário.” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“O lar é um espectáculo. Temos ali as piscinas, então não se fala.</p>

Pois, temos aqui este recinto tão grande aqui. Temos estas bicas todas estes chafariz que são muito bons.” (Armanda, 70 anos, AB)

“Da terra se fotografasse era além a capela da Sra. dos Prazeres, está lá na serra. A nossa Igreja, temos aí lugares muito bonitos, temos aí a ponte, temos o Lar, essas coisas todas são muito bonitas cá. Temos umas fontes romanas que temos cá também.” (David, 83 anos, AV)

“Apenas a Igreja.” (Irene, 87 anos, AV)

“Há muitos sítios bonitos. Fotografava a parte mais moderna da Aldeia.” (Deolinda, 81 anos, AV)

“À igreja. É o mais bonito que cá temos. À igreja e às capelas. E a uma senhora que está ali na serra. A Nossa Senhora dos Prazeres.” (Adélia, 84 anos, AV)

Nada

“Aqui não há orgulho nenhum. Não me orgulho...é o que vê...” (Júlio, 68 anos, AB)

“Aqui não há nada que ver.” (João, 80 anos, AV)

Colocando a hipótese da migração no momento presente, os sujeitos apresentam muitas respostas inespecíficas relacionadas com a “terra” e a sua ligação com a mesma. A categoria “família/habitantes/amigos” parece ocupar também um lugar de destaque no universo dos sujeitos, com muitas respostas a encaixarem nesta categoria. São referidas ainda outras categorias para esta questão, como por exemplo, o “sossego” e a “familiaridade do ambiente”. Alguns sujeitos também referem que não sentiriam falta de nada ou quase nada (Quadro 7).

Quadro 7. *Se amanhã tivesse de ir viver para outro lugar, de que é que acha que iria sentir mais falta?*

Categoria	Exemplos
Terra	<p>“Da Aldeia Velha. É a nossa terrinha. Nasci cá.” (Delfina, 78 anos, AV)</p> <p>“Da minha terra. Ai, a minha terra. Então não é? A terra onde nascemos, é a mais linda.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Faltava-me a terra. Isto agora aqui estou muito apegada à terra. Adoro, estar na minha terra. Tenho uma boa casa. Quando fui para a França, nem casa de banho tinha, hoje tenho duas casas de banho, tenho duas cozinhas. Tenho uma casa enorme.” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Eu nem lhe sei responder, era a aldeia toda e mais nada, era tudo.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“Não ia. Ia sentir falta de tudo, da vida...” (Emílio, 77 anos, AB)</p> <p>“De tudo, de tudo isto, da minha terra, sempre no meu coração.” (Isabel, 75 anos, AP)</p> <p>“Ia sentir falta da terra. A gente lembra-se da nossa terra.” (Manuel, 80 anos, AP)</p> <p>“Eu deixava de existir, a minha alma desaparecia, chegava ao céu muito mais depressa do que qualquer pessoa poderia imaginar.” (José, 77 anos, AP)</p>

Sossego	“Ah, hoje já não. Já não ia. Já me encontro melhor aqui. É mais o sossego. Nós agora, a gente já somos velhos, gostamos é do sossego. E gostamos desta vida assim.” (Arménia, 75 anos, AB)
Familiaridade do ambiente	“Eu agora fico aqui até morrer, porque eu vou para os outros sítios e não conheço o ambiente, as pessoas que sempre conheci.” (João, 80 anos, AV)
Família/amigos/habitantes	<p>“(…) tenho aqui o meu filho e eu sei que lhe faço muita falta, não o deixava sozinho. (...) ele precisa de mim, sente também muito a falta do pai.” (Maria, 70 anos, AV)</p> <p>“(…) é por isso que também quero aqui ficar, ele está aqui e assim posso ir visitá-lo.” (referindo-se à sepultura do marido) (Maria, 70 anos, AV)</p> <p>“Mesmo agora, mesmo sendo longe das pessoas, gosto de estar aqui, juntamo-nos e lá vamos andando, na hora do terço juntamo-nos quatro ou cinco.” (Deolinda, 81 anos, AV)</p> <p>“Do irmão e da irmã. Aqui é que me sinto bem.” (Laurinda, 76 anos, AV)</p> <p>“Fazia-me falta conviver aqui com gente, não é. Com os amigos e com tudo.” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“A minha irmã que tenho aqui ao lado.” (Arminda, 70 anos, AB)</p> <p>“Aqui... Eu vou-lhe dizer. A gente passa na rua: “Boa tarde”, “Bom dia”, e estamos a falar. Essa coisa da gente falar umas para as outras, o convívio aqui que a gente tem. É muito diferente da vida da cidade.” (Júlia, 80 anos, AB)</p> <p>“Agora não, nem pensar, agora estou bem aqui. Aqui sempre foi a minha aldeia, onde eu fui criado, tem as pessoas que eu conheço, é outro ambiente.” (João, 71 anos, AB)</p> <p>“Da minha família, eu tenho muitos sobrinhos e moram aqui perto e vêm visitar-me muitas vezes.” (Clara, 84 anos, AP)</p> <p>“Ia sentir muitas saudades das pessoas que conheço cá.” (Emília, 79 anos, AP)</p>
Bens pessoais	<p>“Da minha casinha e do meu jardim, que eu adoro. Mas daqui não quero sair.” (Isabel, 86 anos, AB)</p> <p>“Agora não, como disse o que me trouxe cá foram as nossas coisinhas, a nossa propriedade, e já cá estou à 20 anos, desde que me reformei.” (António, 80 anos, AB)</p>
Missa	“Da missa.” (Irene, 87 anos, AV)
Pouco ou nada	<p>“Onde estou, estou bem. A gente tem saudades, mas não, como é que hei-de dizer, não sou pessoa para estar a pensar... contento-me com tudo” (Gracinda, 62 anos, AV)</p> <p>“Ia de imediato. Ainda agora estive cinco meses no estrangeiro e quando cheguei cá senti-me mal porque já estava enraizado noutra sítio.” (José, 66 anos, AB)</p> <p>“Lá estou bem, aqui venho por causa do clima, se não fosse o clima não punha cá os pés. Ali tenho tudo à porta, estou ali como o mais rico de cá.” (Júlio, 68 anos, AB)</p> <p>“Se pudesse voltava para França.” (Maria, 62 anos, AP)</p>

Finalmente, as respostas à questão *Quais foram os acontecimentos mais marcantes da sua vida? Porquê esses acontecimentos?*, as respostas apresentam uma grande variedade de motivos, essencialmente ligados ao universo familiar (“morte de um familiar”; “nascimento dos filhos”, “emigração”, “saúde/acidentes”, “dificuldades económicas”). É bastante menos relevante a influência da “terra” onde vivem ou viveram (sejam locais ou pessoas) nesses acontecimentos. De referir ainda que se observa uma maior referência a acontecimentos negativos do que a acontecimentos positivos (Quadro 8).

Quadro 8. *Quais foram os acontecimentos mais marcantes da sua vida? Porquê esses acontecimentos?*

Categoria	Exemplos
Morte de um familiar	<p>“Foi morrer a minha mãe e o meu pai. Depois já morreu um irmão e uma irmã. Éramos cinco. A minha mãe teve 16 filhos. Olhe eu cá não tive nada bom.” (Delfina, 78 anos, AV)</p> <p>“Ficar sem o marido aqui. Foi duro.” (Adélia, 84 anos, AV)</p> <p>“Morte do irmão.” (Deolinda, 81 anos, AV)</p> <p>“A morte do meu marido foi o pior de todos.” (Maria, 70 anos, AV)</p> <p>“Morte da mãe.” (Laurinda, 76 anos, AV)</p> <p>“Ah pela coisa, uma foi pela morte dos meus irmãos que já morreram, éramos sete e já morreram quatro, isso foi o que mais me marcou não é? E então os meus pais os meus sogros, tudo isso marca a gente não é?” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“Uma filha que perdi.” (Arminda, 70 anos, AB)</p> <p>“Ah, então, mal foi faltar o meu marido.” (Júlia, 80 anos, AB)</p> <p>“Era alcoólico, era alcoólico (o pai), vendeu tudo, depois eu tinha sete anos quando a minha mãe morreu e a partir dos sete anos desembrulhei-me sozinho.” (Júlio, 68 anos, AB)</p> <p>“O que me marcou ainda mais foi quando o meu marido começou a estar doente, foi isso há três anos e meio, depois morreu em França.” (Maria, 62 anos, AB)</p> <p>“Perdi um irmão, depois vivi sempre com aquele desgosto e nunca fui a bailes nem sequer fui a nada.” (Júlia, 62 anos, AP)</p> <p>“Eu farto-me de chorar agora porque o meu marido morreu há cinco meses. Estivemos 64 anos juntos e nunca estivemos um dia sem nos falarmos.” (Isabel Moreira, 84 anos, AP)</p> <p>“Depois encontrei uma boa esposa, que infelizmente Deus chamou a si, quando era ainda muito nova, eu aos 35 anos já estava viúvo com dois filhos pequenos.” (José, 72 anos, AP)</p>
Emigração	<p>“Olhe, foi a minha ida para a França. Fui de assalto.” (Arménia, 75 anos, AB)</p> <p>“Na minha vida a melhor coisa que fiz foi ir para França, e ganhei uma fortuna bonita...” (Mateus, 76 anos, AB)</p>
Saúde/acidentes	<p>“Ai foram tantos, parti este braço, quase três anos sem mexer...” (Teresa, 73 anos, AV)</p>

	<p>“Sei lá, a corrida dos touros por exemplo, toda vida lidei com eles, montava em cavalos mas nunca caí, mas com os touros fui parar ao Hospital uma vez, isso foi um acontecimento grave.” (Emílio, 77 anos, AB)</p> <p>“A minha vida foi muito má, muito má, o meu marido já fez seis operações, duas à cabeça e uma ao braço, depois com estes acidentes ficámos quase sem nada.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“Fui operado ao cancro e tiraram-me o estômago completamente e é claro...acho que isso da saúde é que foi o pior, de resto...” (Sr. Manuel, 75 anos, AB)</p>
Contrabando	<p>“Ah! Foi o contrabando, andar de noite...” (Júlia, 80 anos, AB)</p> <p>“Ir de noite com a carga do contrabando à Espanha e largá-la.” (Manuel, 80 anos, AP)</p>
Dificuldades económicas	<p>“Fomos para lá e não tivemos sorte nenhuma.” (referindo-se às dificuldades que teve em França) (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“Tive lá dificuldades porque claro, a gente foi para a beterraba e também fomos um bocadito lá explorados, pagavam-nos aquilo que queriam, davam-nos o que queriam, não é?” (Manuel, 75 anos, AB)</p> <p>“Dantes havia aqueles pães grandes, o pão de centeio. Cheguei a andar atrás dos cães para lhes tirar as côdeas com pedras para comer, quando tinha 8 anos. Os velhos atiravam as côdeas e eu com as pedras andava atrás dos cães para lhes tirar as côdeas para eu comer, portanto está a ver a miséria que aqui se passava.” (Júlio, 68 anos, AB)</p> <p>“A minha vida foi sempre trabalhar, a gente era pobre, muito trabalho.” (Deolinda, 74 anos, AP)</p>
Nascimento dos filhos	<p>“Em casa não tinha lá nada para comer. O mal era uma pessoa chegar a casa querer comer e não ter.” (Manuel, 80 anos, AP)</p> <p>“Quando tive a minha filha foi o melhor.” (Cândida, 74 anos, AV)</p> <p>“O nascimento do meu filho também foi um acontecimento feliz.” (Maria, 70 anos, AV)</p> <p>“Que mais me marcaram, foi o nascimento do meu filho, não é. E das netas.” (António, 79 anos, AB)</p> <p>“Ah, o nascimento da minha filha, isso é o principal.” (Júlia, 80 anos, AB)</p> <p>“Ah, pois claro, isso (nascimento do filho) e o do neto também.” (Deolinda, 73 anos, AB)</p> <p>“O principal foi o nascimento do filho. E o nascimento das minhas netas.” (Julieta, 74 anos, AB)</p> <p>“Os nascimentos dos meus filhos.” (Manuel, 78 anos, AP)</p> <p>“Os momentos mais importantes da minha vida estão ligados aos meus filhos, foi o nascimento dos meus filhos.” (José, 72 anos, AP)</p>
Bem-estar dos familiares e do próprio	<p>“E depois quando as minhas filhas foram para a Faculdade.” (Julieta, 74 anos, AB)</p> <p>“E depois fiz o exame da quarta, fui para pára-quedista, estive lá 6 anos, uma bela vida.” (Júlio, 68 anos, AB)</p>
Casamento	<p>O meu casamento, como é óbvio não é?” (Julieta, 74 anos, AB)</p> <p>“O meu marido era só porrada e nomes, era um bêbedor que me tratava mal e este meu filho é igualzinho ao pai.” (Isabel, 80anos, AP)</p>

Regresso ao país	“Netos e bisnetos dão alguma alegria, mas sou feliz agora porque pude voltar para o meu país.” (João, 80 anos, AV)
Estabilidade financeira /sobrevivência	“O talho, com o qual conseguiu sustentar a família.” (David, 83 anos, AV)
Lazer	“Os acontecimentos, nós quando éramos novos juntávamos ali ao pé da estátua de concertina, e aí todos os domingos juntávamos e bailávamos, como não tínhamos discotecas pagávamos a um tocador e ele vinha para cá, e o baile acontecia, e nós pusemos a estátua para nos lembrar-mos.” (Joaquim, 73 anos, AB) “O que nos marcava de bom eram os divertimentos que tínhamos aqui e que nunca mais tive em mais parte nenhuma, a mocidade juntava-se aqui toda neste largo, naquele, no outro, jogávamos às escondidas, bailávamos, convivíamos todos, novos e velhos, não é como agora, que ninguém se dá.” (Maria, 73 anos, AP)
Religião	“Era uma organização que havia, que agora ainda há, mas para aqui já não tem havido. A gente na Igreja fazia reuniões com o senhor padre e fazíamos até récitas, teatros. Eu cantava sempre.” (Laurinda, 76 anos, AV)

Análise dos resultados

A “ligação à terra” que estes idosos entrevistados apresentam é de alguma forma peculiar, se a analisarmos à luz das teorias apresentadas. Os idosos demonstram estar “ligados à terra”, mas verifica-se que esta ligação está mediada por um sentimento actual de satisfação com a vida.

Quando os idosos referem que os motivos pelos quais gostam desta aldeia, são essencialmente referidas as relações sociais e o convívio [e.g., “Eu gosto das pessoas, de ter amizade às pessoas.” (Deolinda, 81 anos, AV); “Gosto, muito. O ambiente aqui que temos, tudo, não é. Temos assim uns de certa idade e jogamos as cartas todas as tardes, e... claro, bebem-se uns copitos, cada bebe uma coisa.” (António, 79 anos, AB)], as raízes associadas à Terra [“Ah, pois claro! Eu fui aqui nascido, tinha cá as minhas coisinhas.” (João, 69 anos, AV)] e a própria Terra com as suas características ambientais como o sossego e beleza [e.g., “Mas aqui respiram-se outros ares, outra qualidade. Quando cá estou nem me apercebo da idade que tenho, ainda me sinto com 20 anos, nem me sinto um reformado.” (José, 72 anos, AP); “Gosto de tudo, que eu só gosto de estar aqui. Gosto da minha casa, gosto de vir à Igreja, gosto de falar com as pessoas.” (Laurinda, 76 anos, AV)]. No entanto, estas referências estão associadas à satisfação de vida na

medida em que actualmente estes idosos têm os recursos financeiros e materiais para poderem usufruir destes aspectos positivos da Terra. O significado que a Terra adquiriu para estes está relacionado com a identificação emocional e sentimentos de pertença em relação à Aldeia, condicionado pela satisfação de vida actual.

De facto, no seu discurso está patente uma clara mudança nos sentimentos em relação à vida. Quando se referem ao passado, encontram-se muitas referências à pobreza e às dificuldades a ela associadas. Aliás, o principal motivo para estas pessoas se terem ausentado da sua Terra foi precisamente de ordem económica [e.g., “Olha, miséria, arranjar uma casinha.” (Arminda, 79 anos, AB); “Gostava muito de morar aqui mas não tínhamos emprego, nem fábricas nem nada.” (Maria, 73 anos, AP)]. Por outro lado, quando questionados sobre o regresso, são referidas as questões de ordem familiar [e.g., “E pronto, olhe, tinha cá os meus pais que se lembravam muito de mim, moram numa casa ali atrás, numa vivenda. E são as nossas raízes, acho que isto tem muita importância para nós.” (Julieta, 74 anos, AB)] e a vontade de regressar à terra, pelas raízes [“São as minhas raízes, eu sou muito fiel às minhas raízes. Nasci aqui, aqui tenho as minhas recordações, aqui vou morrer.” (José, 72 anos, AP); “Sim, sempre me senti muito desejosa de regressar aqui, mal nos reformámos, voltámos.” (Isabel, 75 anos, AP)]. Se por um lado, as memórias associadas ao passado são extremamente negativas (miséria, pobreza), tendo despoletado um fenómeno quase generalizado de migração, principalmente para o estrangeiro, no presente, verifica-se uma “Vinculação ao lugar”, com uma associação clara aos aspectos positivos da Terra, principalmente ao ambiente, às relações sociais e convívio, mas esta vinculação e este gostar da Terra é racionalizado, condicionado pelas condições económicas e recursos actuais, que permitem que a pessoa desfrute destes aspectos positivos de forma satisfatória e despreocupada.

Esta insatisfação com a vida associada à falta de condições de sobrevivência que a Terra não proporcionava, reflecte-se nas referências que as pessoas fazem na questão *“Quando esteve fora, do que é que sentia mais falta?”*, pois as pessoas referem questões de ordem familiar (saudades dos amigos) e a Terra de uma forma inespecífica, não fazendo nunca alusão às condições de vida ou a símbolos relacionados com as questões laborais, como por exemplo os campos ou as casas onde serviam.

Assim, apesar de se verificar uma “Ligação à Terra” forte, esta não foi fundamental para a tomada de decisão relativamente à migração, sobrepujaram-se as questões de ordem económica e de sobrevivência. No entanto, esta ligação concorreu mais tarde para a tomada de decisão sobre o regresso. Foi esta ligação a impulsionadora deste regresso, mas condicionada pela presença de condições económicas suficientes para usufruir do ambiente e das pessoas da Terra.

Reportando-nos às três dimensões que Rowels (1990, 1994) atribui à vinculação ao lugar, verificamos que estas estão presentes na população das três Aldeias:

- ligação física, relacionada com a familiaridade com o ambiente físico [e.g. “Gosto de tudo, que eu só gosto de estar aqui. Gosto da minha casa, gosto de vir à Igreja, gosto de falar com as pessoas.” (Laurinda, 76 anos, AV)];
- ligação social, relacionada com o facto de as pessoas se sentirem como uma “comunidade de pessoas” [e.g., “Sim, até agora gosto mais de estar aqui do que onde estou. Porque eu não gosto de estar em Cantanhede, não gosto das pessoas, elas não são como nós, nós aqui se precisamos de uma couve ou de um quilo de feijão verde este dá-me a mim e eu dou batatas àquele, está a compreender, lá não é assim. (...) Aqui um vizinho dá ao outro vizinho, se um tem isto troca com aquele que tem aquilo, é tudo muito amigo.” (Maria, 73 anos, AP)];
- ligação psicológica, relacionado com o sentido de pertença ao lugar [e.g., “Muito! Adoro, adoro. Por que nasci cá e todo o tempo que tive de ausência, sinto ainda no coração.” (Emílio, 77 anos, AB)]. As pessoas que entrevistamos e que não conseguiam viver nas suas próprias casas de forma independente, viviam no lar da sua Terra e era ali que queriam viver o resto das suas vidas.

Apesar da presença destas três dimensões, ficou claro que estas pessoas, pelas suas histórias passadas de miséria e pobreza, aprenderam a valorizar os aspectos mais físicos das suas Aldeias, o que está bem patente nas respostas à questão sobre que fotografias tiravam à sua Terra. De uma forma geral, as pessoas referiram os edifícios, as casas novas e bonitas, os novos equipamentos, como as piscinas, os lares, as ruas calcetadas, entre outros. Foi rara a referência a aspectos alusivos às questões laborais como os campos agrícolas, o que se compreende, dadas as associações negativas relacionadas com a falta de condições. As tradições parecem ser também muito relevantes para estas pessoas, o que mais uma vez pode estar relacionado com o sentimento de

satisfação/insatisfação de vida. As recordações que as pessoas têm sobre estas tradições, como as touradas e as festas, são muito positivas, em contraste com a insatisfação de vida geral nessa altura. As tradições e as festas são uma das ligações positivas ao passado, que os idosos parecem preservar, atribuindo alguma coerência a esta “Vinculação ao lugar”.

Conclusão

Embora seja uma das principais tendências de evolução da sociedade portuguesa actual, o envelhecimento da população é, ainda, um assunto apenas parcelarmente estudado, sendo privilegiadas as perspectivas de ordem demográfica, médica e de política social, e atribuindo-se bastante menor atenção às perspectivas inspiradas em modelos de leitura psicológica da realidade e das pessoas que a habitam. Aliás, uma das principais dificuldades de compreensão da experiência do envelhecimento decorre do facto dessa experiência ser apreendida mais frequentemente a partir do conceito de “idoso-problema” do que a partir do conceito de “idoso-normal”, partilhando com a restante população as alegrias e as agruras do quotidiano, independentemente da idade.

O estudo cuja apresentação agora concluímos procurou, assim, em primeiro lugar, ser um estudo caracterizado pela “normalidade”, quer quanto à população-alvo, quer no que respeita às condições metodológicas de realização. Tratando-se de um tema subjectivo e sujeito até a alguma ambiguidade, as entrevistas presenciais constituíram sem dúvida a estratégia de recolha de dados mais apropriada, tanto pela possibilidade de estabelecimento de uma relação de confiança entre um entrevistador (desconhecido) e a pessoa entrevistada, como pela possibilidade de esclarecer no imediato aspectos menos claros emergentes no decorrer da entrevista.

Evidentemente que esta ênfase na normalidade não ignora um problema comum à generalidade dos estudos sobre envelhecimento e que se prende com a dificuldade de separação dos *efeitos* das variáveis independentes. Dado o tema em análise, reconhecemos a dificuldade em separar os efeitos atribuídos a diversas variáveis que concorrem para a produção de um determinado discurso sobre a “ligação à terra”. Assim, pode ser difícil compreender se tais discursos são devidos ao facto de se ter ou não nascido numa das povoações objecto de estudo de campo, ao facto de se ter vivido num dado período histórico, ou devido a experiências de vida específicas resultantes da experiência pessoal (emigração, por exemplo).

Finalmente, uma última dificuldade gira em torno do próprio conceito de “ligação”. De facto, muitas explicações diferentes podem ser avançadas acerca da relevância do

sentimento identitário de *ligação à terra*, nomeadamente, qual a força dessa ligação (traduzida por sentimentos de pertença a um determinado local), o que a determina, quais as suas consequências... A respeito deste último aspecto, Villaverde Cabral (2003), com base em inquéritos sociológicos recentes, adverte para a possibilidade de existência de uma correlação inversa entre a força dos sentimentos de pertença local e um défice do exercício dos direitos de cidadania, correspondendo a identificação com um dado espaço a uma maior propensão para o exercício da cidadania.

Bibliografia

Fonseca, A.M., Paúl, C., Martin, I., Amado, J. (2005). Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. In C. Paúl & A.M. Fonseca (Coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, saúde e prestação de cuidados* (pp.97-108). Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Giuliani M. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee & M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological theories for environmental issues*. (pp 137-170).

Gustafson, P. (2001). Meanings of place: Everyday experience and theoretical conceptualizations. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 5-16.

Krout, J., Coward, R. (1998). Aging in rural environments. In R. Coward & J. Krout (Eds.), *Aging in rural settings: Life circumstances and distinctive features* (pp.3-14). New York: Springer Publishing Co.

Low, S., Altman, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. In I. Altman & S. Low (Eds.), *Place attachment* (pp.1-12). New York: Plenum.

Milligan, M. (1998). Interactional past and potential: The social construction of place attachment. *Symbolic Interaction*, 21, 1-33.

Norris-Baker, C., Scheidt, R. (1994). From 'our town' to 'ghost town'?: The changing context of home for rural elders. *International Journal of Aging and Human Development*, 38, 181-202.

Nunes, A. (2006). Mudanças no uso do solo e cobertura vegetal na terra fria de beira transmontana. In R. Jacinto e V. Bento (Coord.), *O interior raiano do centro de Portugal* (pp. 101-142). Porto: Campo das Letras.

Paúl, C. (2005). Envelhecimento e ambiente. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 247-268). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ponzetti, J. (2003). Growing old in rural communities: A visual methodology for studying place attachment. *Journal of Rural Community Psychology*, *E6*,

Reis, C. (2006). Cultura e diálogo raiano. In R. Jacinto e V. Bento (Coord.), *O interior raiano do centro de Portugal* (pp. 155-158). Porto: Campo das Letras.

Rowles, G. (1994). Evolving images of place in aging and 'aging in place.' In D. Shenk & A. Achenbaum (Eds.), *Changing perceptions of aging and the aged* (pp.115-125). New York: Springer Publishing.

Rubinstein, R., Parmelee, P. (1992). Attachment to place and the representations of the life course by the elderly. In I. Altman & S. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 139-163). New York: Plenum.

Sime, J. (1986). Creating places or designing spaces? *Journal of Environmental Psychology*, *6*, 49-63.

Speller, G. (2005). A importância da vinculação aos lugares. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 133-168). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Villaverde Cabral, M. (2003). A identidade nacional portuguesa: conteúdo e relevância. *Dados*, *46*, nº3.